

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO EM TEMPOS DE PANDEMIA: POSSÍVEIS CONSTRUÇÕES

Yasmim Caroline Oliveira Silva¹

Jaislane Kélvia Reis Costa²

Professora orientadora: Elilian Basílio e Silva³

RESUMO

O processo de alfabetização é o caminho para a prática do letramento efetivo. É nessa perspectiva, o que presente artigo apresenta experiências em dois contextos do ensino: um vivenciado em um período pré-pandemia (Covid-19); e o outro retratando a experiência de uma educação em realidade pandêmica. Apesar das circunstâncias que permearam o ano letivo de 2020 e 2021, as escolas buscaram alternativas para que não houvessem interrupções no processo de ensino aprendizagem. Desse modo, o objetivo principal é analisar as práticas pedagógicas voltadas para o letramento infantil nos dois contextos supracitados. A construção do referencial teórico baseou-se em alguns estudos, como: Cagliari, (1999); Ferreira, (2011); Moretti, (2011); Soares, (2000); entre outros autores. Além disso, analisou-se ainda os documentos e materiais diversos utilizados em duas turmas de 3º ano do ensino fundamental no ano letivo de 2019 através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID); e na turma de 2º período na etapa de regência do Programa Residência Pedagógica no ano de 2021. Foi possível observar que em tempos anteriores a pandemia havia um trabalho com maior possibilidade de contato e retorno por parte dos alunos. Em contrapartida, na nova vivência em decorrência da pandemia da Covid-19, houve ausência de contato entre professores e alunos, ora por parte dos alunos pela falta de acesso à internet ou aparelhos tecnológicos, ora por parte dos professores por não ter habilidades com as novas tecnologias digitais.

Palavras-chaves: Alfabetização, Letramento, Ensino Remoto, Educação.

INTRODUÇÃO

O processo de alfabetização é, sem dúvidas, um dos mais complexos e importantes da educação. Além disso, é através deste que se pode conquistar a prática do letramento efetivo.

Para que a sala de aula seja caracterizada como um ambiente alfabetizador, esta deve possuir algumas características singulares dos demais locais, como por exemplo:

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, carolineyasmimoli@gmail.com

² Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, jaislanekelvia@hotmail.com

³ Doutoranda no Programa de Graduação em Educação - Área de Concentração: Educação, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, eliliansilva@cpm.uespi.br

uma cultura letrada com livros, textos digitais ou impressos e um mundo de escritos que circulam socialmente. Para Teberosky (2018), a comunidade que usa a todo momento esses escritos é chamada de alfabetizadora. Sendo assim, nos questionamos: como trabalhar em um ambiente alfabetizador no ensino remoto?

Apesar das circunstâncias que permearam o ano letivo de 2020 e 2021, as escolas buscaram saídas para que não houvessem interrupções no processo de ensino aprendizagem das crianças em desenvolvimento. Manteve-se como foco principal assegurar a continuidade das atividades educativas com os alunos através de aulas e ferramentas de alfabetização possíveis em tempos de pandemia.

Diante desse cenário, as leituras digitais juntamente com outras artes visuais educativas (músicas e vídeos, por exemplo) ganharam força, sempre objetivando a troca de conteúdos de forma atrativa para as crianças durante esse processo de ensino aprendizagem. É nessa perspectiva, o que presente artigo apresenta experiências em dois contextos do ensino: um vivenciado em um período pré-pandemia (Covid-19); e o outro retratando a experiência de uma educação em realidade pandêmica.

O trabalho obedece a uma sequência, inicialmente abrangendo os conceitos de alfabetização e letramento. Em seguida, são descritas as experiências vividas nos anos letivos de 2019 e 2021, buscando comparar de que forma as práticas alfabetizadoras ocorreram antes e durante o atual cenário de pandemia do coronavírus.

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

O ato de ler produz significados. A partir desta produção, as competências dos alunos são desenvolvidas. Por meio da leitura formam-se cidadãos críticos com visão multidisciplinar, capazes de entender o mundo e a si mesmos. Nesse sentido, a leitura do mundo se situa como imprescindível à leitura propriamente dita, ou seja, ela inicia-se bem antes do indivíduo conhecer o universo letrado, pois:

O domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para a participação social efetiva, é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Por isso, ao ensiná-la, a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos (BRASIL, 1997, p. 15).

Ferreiro (2011) pontua que a alfabetização inicial é a única solução para o problema da alfabetização tardia (jovens e adultos). Logo, “sabemos que compete à escola a tarefa formal de ensinar a ler e a escrever e que, de uma forma geral, esta ação escolar nem sempre se realiza de forma satisfatória” (MIGUEZ, 2009, p. 17).

Sabe-se ainda que “os índices brasileiros de repetência nas séries iniciais [...] estão diretamente ligados à dificuldade que a escola tem de ensinar a ler e a escrever” (BRASIL, 1997, p. 19). Em vista disso, Cagliari (1999) menciona que mesmo diante de novos métodos de alfabetização, a cartilha tradicional ainda é prática alfabetizadora mais comum nas escolas.

As práticas alfabetizadoras, em sua maioria, obedecem a uma sequenciação onde, inicialmente, há o conhecimento e reconhecimento das letras, ensina-se a uni-las para em seguida estudar as sílabas, formar palavras, frases e textos. Nesse sentido, Teberosky (2018) argumenta que quando a escola acredita que a alfabetização se dá em etapas, faz-se o processo errado.

À vista disso, Teberosky (2018) nos faz a seguinte reflexão: o professor proporciona um ambiente alfabetizador favorável à aprendizagem? É válido ressaltar que é papel da escola facilitar aos alunos o acesso a textos que circulam socialmente, pois “não se formam bons leitores oferecendo materiais de leitura empobrecidos [...]. As pessoas aprendem a gostar de ler quando, de alguma forma, a qualidade de suas vidas melhora com a leitura” (BRASIL, 1997, p. 29). Face ao exposto:

É preciso oferecer aos alunos inúmeras oportunidades de aprenderem a escrever em condições semelhantes às que caracterizam a escrita fora da escola. É preciso que se coloquem as questões centrais da produção desde o início: como escrever, considerando, ao mesmo tempo, o que pretendem dizer e a quem o texto se destina [...]. É preciso que aprendam os aspectos notacionais da escrita (o princípio alfabético e as restrições ortográficas) no interior de um processo de aprendizagem dos usos da linguagem escrita. É disso que se está falando quando se diz que é preciso “aprender a escrever, escrevendo” (BRASIL, 1997, p. 48).

No processo de alfabetização inicial, alguns materiais facilitam a inserção das práticas de leitura, como por exemplo: alfabetos, crachás, jogos didáticos, entre outros (BRASIL, 1997). Desse modo, o professor depara-se com a necessidade de organizar o ambiente de sala de aula e seus métodos de ensino a fim de favorecer a aprendizagem dos alunos (MORETTI, 2011).

Iniciar o processo de alfabetização de forma correta e natural impulsiona o desenvolvimento da criança e aumenta a possibilidade desta se tornar uma pessoa alfabetizada e letrada. O letramento está diretamente ligado à alfabetização, e apesar de ser um termo relativamente novo, possui relevância para o desenvolvimento integral de um leitor.

Soares (2000) define o termo ‘alfabetizado’ como aquele que aprendeu a ler e a escrever, mas que não se apropriou da leitura e da escrita. A autora define ainda o letramento como o “o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita” (SOARES, 2000, p. 18).

Por essa razão, é importante desenvolver alfabetização e o letramento juntos, visto que enquanto uma está voltada para o desenvolvimento de habilidades de leitura e conhecimento da escrita, o outro tem como objetivo aproximar essa leitura do leitor ao colocá-lo em posição de agente histórico da sua sociedade. Apesar de nos passar uma impressão de práticas semelhantes, suas aplicações causam resultados diferentes nos alunos.

Diante das novas possibilidades de práticas alfabetizadoras, Cagliari (1999) aponta que as propostas de alfabetização que valorizam a criança e seu desempenho proporcionam um melhor ambiente em sala de aula, onde existe uma relação amigável entre professor e aluno, proporcionando assim melhores condições para o processo de alfabetização efetivo.

PRÁTICAS ALFABETIZADORAS

Através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID)⁴, deparamo-nos com dificuldades de leitura e escrita em turmas de 3º ano do ensino fundamental. Diante disso, foi desenvolvido um projeto de intervenção denominado “Todo Dia é Dia de Ler”, que teve como objetivo central potencializar no aluno o gosto pela leitura, o que contribui, conseqüentemente, para a ampliação da capacidade de interpretação, melhoria da escrita e oralidade.

⁴ O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) é financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e oferta bolsas de estágio para graduandos de licenciaturas com o intuito de inseri-los no ambiente escolar (PIBID, 2008). A experiência relatada deu-se durante o ano de 2019, contudo o Programa possui duração de 18 meses.

A ludicidade é uma forma de desenvolver a criatividade, além disso, as práticas lúdicas fomentam a aprendizagem e funcionam como um atrativo. Desse modo, o uso da fantasia no universo infantil serviu como instrumento para instigar a leitura, escrita e a criatividade do aluno.

As atividades que possuem a finalidade de alfabetizar devem ser prazerosas e manter a criança entretida. Os incentivos à leitura devem ser feitos de forma divertida. Ademais, o uso de fantoches, jogos e imaginação contribuem para o processo de ensino aprendizagem. Nesse sentido, o projeto a ser exposto surgiu com o propósito de ensinar de uma maneira divertida, fazendo uso, principalmente, da ludicidade. Dito isso, partimos do pressuposto de que:

A leitura é um processo de percepção da realidade envolvendo, entre outros fatores, a visão de mundo do leitor, pretendemos refletir sobre a prática literária no ensino básico, destacando a importância da literatura tanto para a conquista da leitura, quanto para o desenvolvimento do leitor em potencial (MIGUEZ, 2009, p. 17).

O projeto teve como objetivo geral: desenvolver de forma eficiente à leitura, escrita, oralidade, bem como a produção textual. Como objetivos específicos, teve-se: 1) ler, comentar e discutir textos; 2) desenvolver a criatividade, sequência lógica, escrita, oralidade e ortografia; 3) trabalhar as habilidades de leitura oral individual e em grupo, a expressividade, volume e tom de voz, pausa, postura e afins.

O trabalho envolvendo textos contou com leituras individuais e coletivas, conto e reconto, interpretação, oralidade, produção textual de gêneros diversos, entre outras atividades. Além disso, utilizou-se dos escritos para trabalhar a estrutura e organização textual, incentivando a revisão do texto pelo próprio aluno, orientando-o sobre o uso do rascunho e instigando a apreciação coletiva dos textos produzidos pelos demais.

O projeto propunha um apoio pedagógico e alfabetização de forma lúdica e instigante aos alunos que apresentavam dificuldades e buscou, ainda, incentivar os estudantes com jogos, brincadeiras, pinturas e histórias a descobrir o gosto pela leitura e pensar na mesma como algo divertido e não desgastante.

Face ao exposto, a culminância deu-se através de atividades com caixas contendo as letras do alfabeto e imagens que proporcionassem aos alunos associar letras e objetos diversos, além de desenhos, produção de contos e rodas de leitura, dinâmicas, conto e reconto conforme interpretação dos alunos, jogos silábicos e formação de

palavras, além de brindes que objetivavam a valorização do esforço e desempenho dos alunos.

Imagem 1 - Roda de leitura



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

A conclusão do projeto “Todo Dia é Dia de Ler” contou com jogos e brincadeiras com o alunado. Além disso, foram distribuídos livros confeccionados com as produções realizadas ao longo do semestre pelos alunos.

Além do projeto supracitado, foi elaborada e desenvolvida uma proposta em consonância com a escola denominada “A Alegria de Ler: Construindo o Possível para Conquistar o Impossível”, que funcionou como um apoio às aulas, objetivando levar a leitura para os alunos por meio de lendas nacionais e estaduais.

Nessa perspectiva, “todos nós exercitamos a linguagem de muitos e variados modos em toda a nossa vida, de tal modo que o nosso mundo é aquilo que ele nos permite dizer é, isto é, a matéria constitutiva do mundo é, antes de tudo, a linguagem que o expressa” (COSSON, 2009, p. 15).

Nesse sentido, ao trabalhar com o gênero textual lenda, teve-se como objetivos: 1) estimular um maior contato dos alunos com a leitura e sua imaginação; 2) trabalhar

com os alunos o hábito da leitura; 3) promover discussões sobre valores sociais; 4) compreender as mensagens passadas em cada texto trabalhado; 5) despertar o interesse pela leitura e produção de histórias.

O projeto foi desenvolvido através de leituras compartilhadas, seguindo temáticas voltadas para a conscientização e construção de valores. Nesse sentido, ao levar-se lendas regionais para a sala de aula, havia uma identificação da história contada, o que gerou um interesse maior pelo trabalho desenvolvido. As lendas eram previamente definidas, contudo, os alunos sugeriam outros textos do gênero. À vista disso, evidencia-se que é de suma importância a participação do aluno em seu processo alfabetizador.

Como ferramenta lúdica para auxiliar no processo de desenvolvimento do projeto, foram utilizados recursos de audiovisual, como música - aliada às reflexões sobre a temática abordada - e vídeos que reforçavam os valores propostos e discutidos. Ademais, utilizou-se jogos e peças teatrais para uma avaliação do desenvolvimento dos alunos. Posto isso, é válido salientar que levar a leitura de uma forma simples e divertida muda toda a concepção sobre o ato de ler, já que a imaginação é de extrema importância nesse processo. Diante disso, Arana e Klebis (2015) pontuam que:

A leitura dá vazão à imaginação e “abre mundos” para qualquer pessoa. Aprender a ler é indispensável quando se vive em uma sociedade onde saber ler e escrever é vital. Por isso, o incentivo à leitura nos primeiros anos da escola é de extrema importância para a formação de alunos leitores. Se aprender requer tempo, aprender a ler requer tempo e prática: só se aprende a ler, lendo (ARANA; KLEBIS, 2015).

Durante a pandemia do coronavírus, as práticas alfabetizadoras ocorreram de acordo com os procedimentos possíveis. A educação remota não é sinônimo de desorganização ou falta de preparo, pelo contrário, a educação à distância já era uma realidade, mas não era algo vivido por todos.

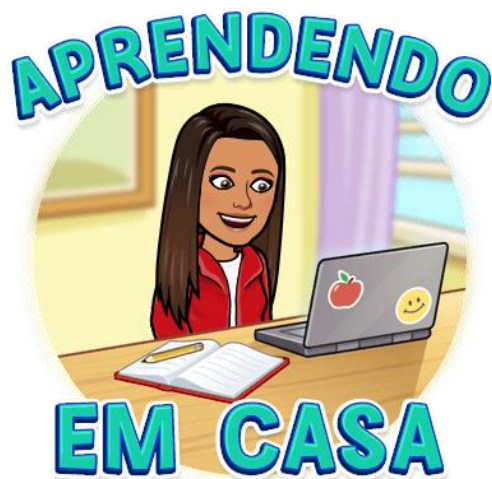
Nessa perspectiva, Hodges *et al* (2020) discute as diferenças entre o Ensino Remoto Emergencial (*ERT-Emergency Remote Teaching*) e o aprendizado online. Para o autor, as experiências de aprendizado online bem planejadas são diferentes de cursos oferecidos na modalidade online em resposta a crises ou desastres, como por exemplo, a pandemia da Covid-19.

O planejamento de aulas remotas voltadas para uma turma de 2º período na etapa de regência do Programa Residência Pedagógica (PRP) ⁵ no ano de 2021, propunha a acolhida, seguida do desenvolvimento do conteúdo, da atividade e despedida. A acolhida poderia ser realizada com calendário, oração, músicas diversas e afins. O desenvolvimento poderia vir a ser trabalhado por meio de histórias, músicas, desafios, entre outros métodos. Além disso, era necessária a validação as atividades dos alunos por meio de figurinhas. Acerca do preparo das aulas, tinha-se acesso às sequências didáticas vindas da Secretaria Municipal de Educação (Semec) de forma prévia.

As aulas ocorreram na modalidade remota por meio de um aplicativo de mensagem instantânea (WhatsApp), contudo, respeitando a rotina das aulas. Nesse sentido, em um primeiro momento havia a acolhida com músicas diversas e, casualmente, um convite para o alunado movimentar o corpo. Em seguida, o conteúdo era abordado no desenvolvimento, por meio de histórias, músicas, desafios, questionamentos e brincadeiras. Após essa etapa, eram realizadas de atividades de classe e casa a fim de consolidar o conteúdo das aulas. As aulas eram realizadas com o auxílio de vídeos, áudios e imagens; e a imagem do corpo docente era representada através de um avatar.

Imagem 2 - Avatar utilizado durante as aulas remotas

⁵ O Programa Residência Pedagógica, oferecido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) objetiva contribuir com a formação docente através da imersão dos graduandos nas escolas de educação básica. O Programa propõe intervenções e regência de sala de aula de forma supervisionada (CAPES, 2018). A experiência relatada deu-se durante os meses de março e abril do corrente ano, entretanto o PRP possui duração de 18 meses.



Fonte: Avatar criado no aplicativo Bitmoji.

Apesar dos recursos e ludicidade usados, muitos alunos não se faziam presentes nas aulas por razões distintas. Os pais alegavam trabalhar e não ter como acompanhar as aulas com o alunado. Segundo relatos do corpo docente, havia situações onde existia uma quantidade exarcebada de crianças que necessitavam fazer uso de apenas 1 aparelho disponível na residência.

No que se refere às atividades, a entrega ocorria de forma quinzenal, respeitando as normas de segurança da Organização Mundial de Saúde (OMS). As atividades somente eram tocadas e corrigidas após um mês. Outrossim, a frequência dos alunos era contabilizada com base nas atividades realizadas.

Diante das experiências relatadas, nota-se que as práticas de alfabetização onde a criança é protagonista e tem seus escritos valorizados são enriquecedoras, além de proporcionarem uma maior interação e troca entre professor e aluno. Essas práticas

podem e devem ser trabalhadas no ensino remoto com o auxílio de contações de histórias, músicas, vídeos e demais recursos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos estudos realizados, é notório que as práticas alfabetizadoras, em sua maioria, ainda se baseiam em métodos tradicionais, a exemplo da cartilha. Além disso, ainda se acredita que a alfabetização acontece por etapas. Contudo, existem novas perspectivas que apontam para o direcionamento e preparação do ambiente alfabetizador, onde o professor conduz os aprendizes através do letramento, do desenvolvimento da leitura e das aprendizagens.

Nesse ambiente não poderá faltar a utilização de vários gêneros literários, contos e recontos de histórias, dramatizações, músicas, filmes, imagens e tudo mais que envolve ludicidade, criatividade e construção de aprendizagens.

Logo, mesmo que durante o período pandêmico tenha prejudicado a relação, até então presencial, entre professor e aluno, também favoreceu uma utilização maior de recursos pedagógicos atrativos para os alunos no intuito de colaborar para a participação e empenho na realização das atividades.

O que se pode reconhecer a partir desse estudo, é que mesmo que no ato de alfabetizar ainda se encontram características de uma prática pedagógica tradicional (fragmentação do processo de leitura e escrita). Muito se tem evoluído no sentido de inovar, especialmente acerca das concepções atuais de educação e sistema educacional. Portanto, o uso das tecnologias (apesar de ainda apresentar problemas básicos como a falta de conexão dos alunos e/ou a falta do domínio dessas tecnologias pelos professores), se apresenta como um recurso importante, capaz de motivar o aprendiz nas atividades escolares.

Isso leva-nos a compreensão de que, para além das novas concepções de ensino e aprendizagem que ultrapassam as metodologias tradicionais, surgem métodos e técnicas de ensino focadas no aluno e nas suas necessidades, bem como na preparação do ambiente para sua aprendizagem e a utilização das suas experiências como base para a aquisição de novas.

ABSTRACT

The literacy process is the way to practice effective literacy. From this perspective that this article presents experiences in two teaching contexts: one experienced in a pre-pandemic period (Covid-19); and other the experience of education in a pandemic reality. Despite the circumstances that prevailed in the academic year of 2020 and 2021, schools tried solutions in order to the children's teaching learning process was not interrupted. Thus, the main objective is to analyze the pedagogical practices aimed at children's literacy in the two contexts. The construction of the theoretical framework was based on some scholars, such as: Cagliari, 1999; Ferreira, 2011; Moretti, 2011; Soares, 2000; among other authors. As methodological procedures, it was analyzed the documents and diverse materials used in two 3rd grade classes in the academic year of 2019 through the Institutional Program for Teaching Initiation Scholarship (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência-PIBID); and in the 2nd period class in the regency stage of the Pedagogical Residency Program (Programa Residência Pedagógica) in 2021. It was possible to observe that in times prior to the pandemic there was a job with greater possibility of contact. On the other hand, in the new experience as a result of the Covid-19 pandemic, the contact between teachers and students became more difficult, because a lot of students have no access to internet or technological devices, besides that, a lot of teachers have no technological skills.

Keywords: Literacy, Lettering, Remote Teaching, Education.

REFERÊNCIAS

ARANA, Alba Regina de Azevedo; KLEBIS, Augusta Boa Sorte de Oliveira: **A importância do incentivo à leitura para o processo de formação do aluno.** Educere. 2015.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa /** Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília, 1997.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização sem o Bá-Bé-Bi-Bó-Bu.** São Paulo: Editora Scipione, 1999.

CAPES. **Programa de Residência Pedagógica.** (2018). Disponível em: <<https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/programa-residencia-pedagogica>>. Acesso em: 08 de maio de 2021.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática.** 2 ed. São Paulo: Contexto, 2009.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização.** 26 ed. – São Paulo: Cortez, 2011 (coleção questões da nossa época; v.6).

HODGES, Charles *et al.* (2020). The Difference Between Emergency Remote Teaching and Online Learning. **Educause Review** [on-line]. Disponível em: <<https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergency-remote-teaching-and-online-learning>>. Acesso em 16 de agosto de 2021.

MIGUEZ, Fátima. **Nas arte-manhas do imaginário infantil:** o lugar da literatura na sala de aula. 4 ed. – Rio de Janeiro: Singular, 2009.

MORETTI, Vanessa Dias. A articulação entre a formação inicial e continuada de professores que ensinam matemática: o caso da Residência Pedagógica da Unifesp. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 385-390, set./dez. 2011.

PIBID - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. **Fundação Capes**, 2008. Disponível em: <<https://capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/pibid>>. Acesso em: 29 de julho de 2021.

SOARES, Magda. **Letramento:** um tema em três gêneros. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

TEBEROSKY, Ana. **Debater e opinar estimulam a leitura e a escrita.** Nova Escola, 2018. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/251/ana-teberosky-debater-e-opinar-estimulam-a-leitura-e-a-escrita>>. Acesso em 30 de julho de 2021.